

Interdito: entre o objeto e a imagem

ELAINE TEDESCO

■ 350

Elaine Tedesco é doutora em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). Artista plástica com produção em fotografia, instalação e videoperformance. É professora-adjunta no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atua no Departamento de Artes Visuais, na área de fotografia e no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais. Desenvolve os projetos de pesquisa: Procedimentos de contato: desdobramentos da fotografia em imagem numérica na arte da atualidade e Videoarte: o audiovisual sem destino. Participa dos grupos de pesquisa: Processos Híbridos na Arte Contemporânea e Arte & Design. Faz parte do Conselho Consultivo da Fundação Vera Chaves Barcellos.

▪ RESUMO

Este texto é um relato sobre o processo de criação dos trabalhos apresentados na exposição *Interdito*. Especificidades do processo de criação com o uso de arquivos e objetos de meu acervo pessoal são pensadas por uma perspectiva com dois pontos de fuga – o esquecimento e o encontro com o material inesperado. As incertezas existentes durante a instalação da exposição são incorporadas ao jogo da fotoperformance.

▪ PALAVRAS-CHAVE:

Fotografia. Objeto. Fotoperformance. Processo de criação. Arquivo. Esquecimento.

▪ ABSTRACT

The text is an narration about the creation process of the works shown in the Interdict exhibition. Specificities using files and objects of my personal collection in the art work are considered by a perspective with two vanishing points - oblivion and the encounter with the unexpected material. The uncertainties during exposure installation are incorporated into the game of photo performance art.

▪ KEYWORDS

Photography. Object. Photo Performance Art. Creative process. File. Oblivion.

O começo: não encontro a ideia, o sentido, o material

351 ■

E o arquivo, como foi armazenado, em que formato e ainda em que pasta eu coloquei?

Começo a procurar, no início, parece fácil, tenho a sensação de que vou encontrar, mas o tempo vai passando e eu manuseio as imagens aqui e ali, abro e fecho as pastas, isso dura algum tempo, não sei exatamente o quanto, aos poucos, nem sei mais o que estou procurando, estou perdida no meio da busca. Parece que estou num labirinto, não sei mais como entrei nesse lugar que nem sei onde é.

A compulsão pela procura é apavorante, mais do que a sensação de perda.

As impressões se misturam...

Que oscilação é essa? Uma instabilidade na rede vai se instalando e afeta a superfície da tela, a imagem torna-se difusa.

Não desisto da procura, mas nada indica sua presença; nenhum sinal ou indício. Penso que não prestei atenção e que devo iniciar novamente a busca, desta vez, olho para dentro, mas só vejo o mesmo breu.

O que fazer diante dessa sensação de vazio, nessa noite? Sei que estava aqui, havia sua marca, mas agora todos os sinais estão perdidos.

Sem luz, como encontrá-lo?

Vivemos sob a sombra dessa amnésia coletiva diariamente, mas não pensamos sobre isso. Dia após dia, criamos essas marcas e colocamo-las em movimento compulsivamente, num frenesi de atenção completamente distraído.

Arquivos em modulação, propagando-se pelas superfícies luminosas ou etéreas projeções – *em que sentido em que sentido?* – perguntaria a Alice Caroliniana. E – *é tarde, é tarde, é tarde* – gritaria o coelho correndo de um lado a outro, sem lhe dar atenção... Assim, como na história de Alice através do espelho, também, perdemos entre imagens que mudam de tamanho.



Figura 1. Elaine Tedesco, *Caos*, fotografia impressa sobre tela, 2011.

As séries de vídeos e fotografias que desenvolvi neste último ano não tratam diretamente do esquecimento ou da perda, embora inevitavelmente isso esteja presente durante o manuseio das imagens digitais e, portanto, infectado por todos os aspectos decorrentes do armazenamento dos arquivos.

As dúvidas durante o processo de criação, às vezes, parecem abrir um abismo em minha frente. Quando, em 2014, fizemos nosso levantamento de ideias para a

exposição *Interdito*, os nexos possíveis para trabalhar com o tema estavam numa região específica no meu imaginário. Hoje, não estou mais lá, tampouco recordo onde era. Senti que precisaria procurar em meus arquivos digitais as imagens com as quais eu teria conectado a possibilidade de trabalho, mas já não as tenho ou, se tenho, não as identifico com o tema.

Juntando as peças

Durante a procura sobre qual trabalho realizar para *Interdito*, encontrei algumas cópias impressas de fotografias que fiz em 2011, são imagens de um depósito de objetos, a maioria de cadeiras, o lugar estava lotado. Ao pensar em usar tais imagens para a exposição, procurei os arquivos em meus HDs externos, tendo em vista que troquei de computador duas vezes e, certamente, não estariam nas máquinas que uso hoje. Não achei os arquivos. Lembrei que havia decidido manter no computador apenas as imagens que mais me agradaram, as demais foram apagadas.

Ver tais cenas, trouxe-me várias lembranças e pensamentos sobre procuras, encontros, apagamentos, deslocamentos. Fui a tal depósito, várias vezes, acompanhando Elcio Rossini¹ quando ele precisava procurar por objetos para os cenários que estava criando. Lá eram vendidos, alugados, remodelados e feitos móveis de madeira em estilo antigo. No local, havia uma área, com teto de telhas transparentes que permitiam entrada de uma bela luz, onde o marceneiro consertava os móveis. No fundo da sala, cadeiras empilhadas caoticamente me fascinavam. Numa dessas idas para procurar objetos, cogitei usar o espaço como uma locação para fotografias. Essa vontade ficou adormecida por algum tempo.

Voltamos meses depois para escolher outros objetos, e para fazer algumas imagens. Antes de sair de casa, preparei a câmera, separei o tripé, um vestido e uma escultura feita de tecido, confeccionada por Rossini, em 2010. Quando chegamos lá, estava chovendo. Entramos para procurar os objetos nos corredores abarrotados de móveis e utensílios e vimos uma grande goteira no salão que guardava os móveis para

¹ Artista, diretor de teatro, cenógrafo e professor-adjunto no Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Maria.

conserto, era, na verdade, muito mais do que um furo no telhado.

Caos, precariedade, abandono, improviso, tudo pareceu fazer sentido.

■ 354



Figura 2. Elaine Tedesco, *Ainda sem título*, fotografia impressa sobre tela, 2011, coleção da artista.

Uma das fotografias fizemos ali, nela, estou de costas para a câmera, mirando a queda d'água em meio aos objetos. A outra tem como ponto praticamente o mesmo

eixo, mas a câmera registra o outro lado da sala, desta vez, sou eu quem faz a foto e Rossini segura a escultura.



Figura 3. Elaine Tedesco, colaboração Elcio Rossini. *Caos*, 150cm x 160cm, 2011 – 2015, impressão sobre tecido, coleção da artista.

É um espaço abarrotado de cadeiras, caixas, lustres em madeira, em desordem, um amontoado, uma pilha de madeiras. Um homem de costas, sem camisa, segura uma bola feita em tecido branco. A contração de seus braços, provocada pelo modo como segura tal volume, cria o desenho de uma fenda no meio de suas costas, dali, para um lado e para outro, os músculos apontam um desenho para fora do corpo,

os dedos, em gancho dentro da bola, estão no centro focal da imagem. O movimento das linhas da tábua, seguido pelas cadeiras inclinadas à direita, caindo depois do homem, parecem ir em direção à bola que ele segura.

Durante a montagem da exposição *Interdito*, eu ainda estava em dúvida sobre o que realmente escolher. Acabei fazendo testes de impressão em diferentes papéis e formatos, certo, isso acontece muitas vezes, mas estava a um dia da abertura e ainda não havia encontrado a relação correta. Levei para o espaço de exposição na Galeria Mamute a escultura *Nó - 4* e fiquei experimentando como mostrá-la e, ao mesmo tempo, jogando com as imagens fotográficas que imprimi. Diante das versões e combinações, por fim, escolhi apresentar a impressão na qual a escultura – na imagem – tem aproximadamente o mesmo diâmetro que a escultura em tecido e, também, as três fotografias das quais perdi os arquivos.



Figura 5. Elaine Tedesco. *Caos – Nó*, 2015, vista geral da montagem na Galeria Mamute. Foto: Elizabete Rocha.

Dependendo do ponto de vista que assumimos na sala, vemos um rebatimento, o objeto no primeiro plano e, logo depois, ele na imagem ou no movimento contrário. Espaço virtual e espaço concreto estão em amarração.

Interdito: entre o objeto e a imagem – a fotoperformance

Há mais de uma década venho trabalhando com os desdobramentos de um trabalho em outro, no início, foi preciso rasgar os desenhos que criara ou ainda reaproveitar e transformar os objetos, fazendo-os voltar reconfigurados em novos trabalhos, agregando-lhes novos sentidos, assim como nas *Cabines para Isolamento* – que transformei a cada exposição entre 1999 - 2005. Mais recentemente venho e investigando como as fotografias que criei em anos anteriores, podem ser convertidas em material para novos trabalhos, concomitantemente tenho explorado como o sentido de uma fotografia é alterado por meio de sua relação com um objeto ou em sobreposição ao local onde a instalo ou projeto.

No caso do trabalho apresentado, a relação entre imagem e objeto não se dá por fusão ou sobreposição. Há distância e deslocamento.

Distância sempre presente quando fotografamos. “[...] fotografar é estar próximo e separado, é continuar a viver, como um afastamento insuperável, o espaço que nos liga e que nos separa das coisas e dos seres” (SOULAGES, 2010, p.218). Se olho através da câmera, meu olhar já está distanciado, intermediado pela tecnologia, não olho mais diretamente o que quero fotografar. Todo ato de captura feito com a fotografia é também um ato de cegueira e apagamento, durante o registro da imagem, eu não vejo a incidência da luz sobre o negativo, tampouco o processamento do registro. Fotografar é conviver com a possibilidade do fracasso na tentativa de proximidade.

Além dessa primeira distância – a do fotografar -, na exposição, a relação entre imagem e objeto implica o deslocamento do objeto em cena para a situação de objeto exposto. Instalar a escultura usada na cena fotografada diante da imagem impressa estabelece uma falsa proximidade, fotografia e objeto, juntos, frisam o senso de afastamento – aqui (a sala de exposições e agora) e lá (o local onde foi feita a foto, noutro tempo). São deslocamentos espaciais e temporais. O objeto diante da imagem evidencia a passagem do tempo - distância irreversível, o tecido está agora já amarelado, um pouco gasto e acinzentado pelo pó agregado a ele, enquanto que na imagem ainda é novo, branco, porque a imagem foi recém impressa.

A instalação das peças na sala sugere, ainda, a fotografia como documento, pois poderia ser uma fotografia que documenta uma performance, mas, para mim, é uma fotoperformance e não o registro de uma performance.

Philip Auslander, em seu texto sobre *A performatividade da documentação de performance*, reflete sobre o impacto do registro documental nas performances e divide esses registros entre duas categorias – documental e teatral e infere como isso abriu espaço para o interesse dos artistas em encenarem e agirem diretamente para as câmeras e também como esses registros incidem no caráter performativo dos documentos de performance (AUSLANDER, 2006).

Sem necessariamente concordar com essa separação em categorias, pois vejo que existem casos em que ambas as categorias se cruzam, considero a performatividade da documentação como fator inevitável e merecedor de maiores estudos.

E em meu trabalho a ideia não é documentar uma performance, é criar uma cena que deve ser mediada, construída, elaborada com a câmera e com a linguagem. A intenção de realizar uma ação ou uma encenação diretamente para o enquadramento de determinada tecnologia apoia-se em uma gramática específica, necessita do entendimento dos códigos de linguagem, do domínio da sintaxe visual. Realizo determinada cena ou tarefa com uma emanção específica no presente a ser capturada pela câmera (ou o que o valha) para uma aparição indireta diante do observador.

A nomenclatura fotoperformance comporta o senso de uma performance que é mediada pelo registro tecnológico de imagens estáticas, podendo ser apenas uma, uma sequência, um conjunto, capturados tecnicamente pelos mais diversos equipamentos (câmeras fotográficas, videográficas, máquinas copiadoras, *scanners*, radiografias, etc.). O que importa é o desejo de criar uma fotoperformance e não um retrato ou um ensaio. Podemos encontrar em ação um, dois ou mais agentes da performance, no caso do meu trabalho, são dois – aquele que executa determinada ação e aquele que a fotografa.²

² Sobre a dupla performatividade do registro em videoperformance que pode ser também estendido às fotoperformances, ver o texto que escrevi neste ano *Anotações sobre o estúdio 88: pesquisa de videoperformance*, a ser publicado nos Anais da ANPAP, 2015.

IN' TER' DITO – ainda algumas palavras

No trabalho *Caos-Nó*, fica ainda a pergunta – Qual o papel do objeto ali apresentado? Um objeto de cena? Ou seria a cena uma demonstração de uso do objeto?

Na segunda edição da exposição *Interdito*, no MUNA, esse material foi posto em movimento durante uma performance realizada no dia da abertura. Nessa performance, fiquei, durante algumas horas, realizando a *tarefa* (ROSSINI, 2011) de desatar os nós que a compõem. São desdobramentos possíveis – um trabalho é articulado dentro do outro, por uma determinada duração, o objeto passa a ser imagem, depois, material. A ação de desatar os nós foi interrompida pelo horário de fechamento do Museu, implicando numa interdição involuntária da tarefa, resultando em uma tarefa interrompida. Uma tarefa interdita. In'ter'dito.

Referências

359 ■

AUSLANDER, Philip. *The Performativity of Performance Documentation*, v. 28, n. 3 p. 1-10, set. 2006. Disponível em:

<<http://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/pajj.2006.28.3.1#.VXDZAuvdJ-4>>. Acesso em março de 2015.

SOULAGES, Françoise. **Estética da fotografia**: perda e permanência. São Paulo: Senac, 2010.

ROSSINI, Elcio. **Tarefas**: uma estratégia para criação de performances. 2011. 151 pág.

Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28623/000771361.pdf?sequence=1>>.

Acesso em: agosto de 2015.

TEDESCO, Elaine. *Anotações sobre o estúdio 88*: pesquisa de videoperformance. In: ANPAP, 2015. **Anais**. No prelo.